

O patrimônio cultural do centro histórico de Florianópolis: um estudo do papel dos Museus Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Sousa e Victor Meirelles na preservação e produção da cultura.

Tathianni Cristini da Silva

Em nossos dias passamos quase que quotidianamente em frente a museus, centros de cultura, prédios históricos tombados como patrimônio municipal, estadual, nacional ou mesmo mundial, e eles estão lá para quem queira ou não perceba-los; existem e fazem parte da área pública de nossas cidades, nos diferentes países.

Alguns ficam indiferentes a estes bens que acabaram ganhando espaço efetivo dentro das comunidades, enquanto outros valorizam tais locais e obras e fazem deles parte de suas vidas. Foi da observação da importância, para as pessoas, desses instrumentos que preservam a memória de um tempo que não é mais o presente, que nasceu esta pesquisa.

Iremos discutir a permanência e relevância daquilo que denominamos patrimônio cultural, seja ele um palácio ou uma simples vista de uma ilha, pintada por um garoto de 14 anos de idade.¹ Trata-se de entender o papel desse tipo de patrimônio, tanto para o rememorar da história de uma comunidade, como também a instrução daqueles que viajam para conhecer novas localidades.

Optamos aqui por tratar do papel do guia nos museus Histórico de Santa Catarina e Victor Meirelles. Os guias são personagens de grande importância nos espaços museais e inúmeras vezes acabam relegados a um segundo plano quando são realizadas as atividades de preparação das pessoas que irão ter contato direto com o público, sendo eles tão essenciais quanto o acervo exposto.

É importante nesse momento firmarmos dois conceitos-chave para a educação realizada pelos museus: a arte-educação e a educação patrimonial. Ambos são utilizados

por monitores nesses ambientes; entretanto, contemplam questões bastante diferenciadas, e não devem ser confundidos, como geralmente ocorre.

A arte-educação utiliza procedimentos pedagógicos como explicações sobre arte e estilos artísticos, elaboração de desenhos pelos alunos quando da visita ao museu, análises sobre o cotidiano do visitante e a relação deste com aquilo que vemos expostos, que, somados, originam a educação em museus. A troca entre visitantes e arte-educador constitui a elaboração e o desenvolvimento de uma reflexão crítica, que pretende contribuir para a modificação da realidade social. Trata-se, pois, de uma leitura não só do objeto exposto, mas de todo o seu contexto.

Segundo Ana Mae Barbosa, alguns pontos são básicos para entendermos a arte-educação:

1. Maior compromisso com a cultura e com a história. (...) O slogan modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela idéia de que todos podemos compreender e usufruir da Arte.
2. Ênfase na interrelação entre o fazer, a leitura da obra de Arte (...) e a contextualização histórica, social, antropológica e/ou estética da obra. (...)
3. Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. (...)
4. Pretendendo-se não só desenvolver a criatividade por intermédio do fazer Arte mas também pelas leituras e interpretações das obras de Arte. (...)
5. Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores. (...)
6. O compromisso com a diversidade cultural é enfatizado pela Arte-Educação pós-moderna. Não mais somente os códigos europeus e norte-americanos brancos, porém mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social, etc.
7. O fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade mas também para o desenvolvimento profissional. (...).ⁱⁱ

Já a educação patrimonial é um processo “centrado no Patrimônio Cultural, como instrumento de afirmação da cidadania.” Enquanto a arte-educação privilegia a reflexão crítica, esta “objetiva envolver a comunidade na gestão do Patrimônio, pelo qual

ela também é responsável, levando-a a apropriar-se e a usufruir dos bens e valores que o constituem.”ⁱⁱⁱ

Em 1997, um grupo de técnicos reconhecidos por seus trabalhos com educação patrimonial em diversas localidades, foi reunido em Brasília para elaborar um plano sobre educação patrimonial para o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), chegando às conclusões que definem hoje a importância dessa atividade.

1 – Tornar acessível, aos indivíduos e aos diferentes grupos sociais, os instrumentos e a leitura crítica dos bens culturais em suas múltiplas manifestações, sentidos e significados.

2 – Propiciar o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva, reforçando o sentimento de auto-estima, considerando a cultura brasileira como múltipla e plural.

3 – Estimular a apropriação e o uso, pela comunidade, do Patrimônio Cultural que ela detém e pelo geral é também responsável.

4 – Estimular o diálogo entre a sociedade e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do Patrimônio cultural, propiciando a “troca” de conhecimento acumulado sobre estes bens.

5 – Experimentar e desenvolver metodologias de Educação Patrimonial, que permitam um processo contínuo de conhecimento e compreensão e avaliação dessas ações.

6 - Promover a produção de novos conhecimentos sobre a dinâmica cultural e seus resultados, incorporando-os às ações de identificação, proteção e valorização do Patrimônio Cultural no nível das comunidades locais e das instituições envolvidas.^{iv}

Assim, enquanto a educação patrimonial trabalha com aquilo que representa a realidade cotidiana de uma certa comunidade, a outra acrescenta a esta comunidade questões pertinentes relativas a acervos dos mais diversos tipos (materiais e de estilos) e procedências.

Retornando ao nosso estudo de caso, os dois museus alvo de nossa pesquisa estão localizados no centro histórico de Florianópolis, com uma grande proximidade física entre eles, contudo percebe-se grandes diferenças em ambos, seja quanto a sua estrutura e área de atuação, seja pelo percentual de visitantes.

O Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) nasceu como instituição em 04 de outubro de 1978, pela Lei n. 5.476. Esse museu foi criado para ser a sede da história política do estado de Santa Catarina. Era então governador, Antônio Carlos Konder Reis

(advogado e museólogo). Em 30 de agosto de 1986 o museu mudou de endereço para o atual Palácio Cruz e Sousa^v, junto a Praça XV de Novembro.

Os guias do MHSC são pessoas contratadas por uma firma terceirizada, que não possuem formação acadêmica para atuarem como tal. Essas pessoas recebem um breve treinamento baseado quase que exclusivamente num informativo do museu, ao qual muitos visitantes têm acesso, e já partem para atuar junto àqueles que vão ao Palácio.

Um bom guia de museu precisa conhecer com certa profundidade o ambiente em que atua. Necessita ter informações sobre a história do local e suas relações com a história da região e do país; o tipo e estilo do acervo exposto; a função exercida pelo ambiente; a área em que vai desenvolver seu trabalho — se é educação patrimonial ou arte-educação, que são questões bastante diversas como já vimos. Enquanto a primeira é centrada na formação da cidadania, a segunda busca a reflexão social; questões que passam, sobretudo, por uma formação acadêmica séria e não podem ser adquiridas sem a intermediação de uma escola, de uma universidade.

Embora vejamos em muitos guias a boa vontade no atendimento aos visitantes, percebem-se as lacunas quanto aos conhecimentos citados anteriormente; assim, inúmeras vezes as visitas a esse ambiente tornam-se um verdadeiro desastre. Para vermos a seriedade do assunto basta enumerarmos alguns aspectos, como:

1º - A visita é feita com muita rapidez, quase não se pára para observar o ambiente e as peças expostas; os guias fazem um resumo contando para que servia a sala e se dirigem para a próxima. Geralmente este mesmo resumo está escrito em um suporte na entrada de cada sala;

2º - O acervo exposto é praticamente inexplorado pelos guias; está mais para decoração da sala do que para instrumento de entendimento da memória do Palácio;

3º - As perguntas dos visitantes, dependendo do nível de dificuldade, ou não são respondidas adequadamente, ou são simplesmente ignoradas, como se não tivessem sido feitas;

4º - Os grupos de alunos ou grupos de turistas são muito grandes (até com 30 pessoas) para um único guia fazer o percurso pelo museu, logo, apenas um número pequeno de visitantes ouve sua fala, enquanto os outros ficam dispersos, sem a devida atenção;

5º - O silêncio quase sepulcral pedido, num ambiente já gélido, produz a sensação de um local distante e pouco agradável para uma permanência de mais de 30 minutos.

Com estes pontos que levantamos sentimos as dificuldades de uma visita agradável e compensadora ao museu, e vemos o quanto faz falta ao local a preparação de guias adequados. Muitas vezes, outros problemas são somados a tudo que foi comentado. Por exemplo, poucos são os professores que possuem conhecimento para preparação dos alunos ainda em sala de aula. Quando os alunos vão ao museu preparados com informações acerca daquilo que verão, possuem maior entusiasmo e logo ao entrar observam e comentam as similaridades com o estudo prévio em sala, perguntam mais, enfim, são mais vivazes, o que, para quem faz o guiamento nem sempre é muito interessante, já que as perguntas vêm em avalanche. Do outro lado estão os alunos que não recebem nenhum preparo e acabam ficando ou dispersos, mais distantes do guia, ou mais próximos ouvindo seus comentários rápidos.

Não podemos deixar de falar dos grupos de turistas que ficam sob o domínio do guia de turismo^{vi}, profissional que deve possuir formação acadêmica e carteira de registro emitida pela EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo), conforme a Lei n. 8.623, de 1993. Esse profissional tem como missão conhecer a cidade e saber sobre os ambientes visitados; muitas vezes ele acaba colaborando em muito com o guia que está no museu, agregando novos comentários às explicações do guia. O mesmo faz muitos professores quando percorrem o museu com seus alunos.

Percebemos assim que existe uma grande necessidade de adequação das pessoas que trabalham no Palácio. Em verdade, deveriam atuar no Museu Histórico de Santa Catarina educadores patrimoniais, já que o acervo no qual o prédio está incluído poderia proporcionar aos visitantes conhecimentos que tornassem aquele um lugar agradável e familiar para a comunidade; que este deixasse de ser um grande monumento estéril do centro histórico no qual muitos moradores sequer entraram um dia. Para tanto, além da formação de educadores patrimoniais, outra necessidade urge. Trata-se da divulgação daquele espaço tão bem localizado junto à Praça da Figueira, como muitos moradores de Florianópolis chamam a Praça XV de Novembro.

No outro lado da praça, junto a Rua Victor Meirelles, temos o Museu Victor Meirelles (MVM) criado na década de 1950 pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e apresentou desde sua origem um plano de suas atividades e funções. Esse museu é uma instituição federal, diferentemente do MHSC, que é uma instituição estadual.

Ser uma instituição federal certamente auxiliou este museu, contudo, provavelmente o maior proveito quanto a este aspecto se deve ao grande interesse que teve o Diretor do SPHAN Rodrigo Melo Andrade, durante as décadas de 1950 e 1960, na criação e manutenção desse espaço. Ele captou obras para constituir um acervo, e buscou recursos para manter em funcionamento o museu após sua inauguração.

Um dos pontos em que fica evidente a estruturação e clareza de objetivos desse espaço se deve ao profissional responsável pelo guiamento de grupos no museu. A arte-educadora^{vii} desenvolve um trabalho com os grupos que visitam o MVM voltado para o entendimento e a reflexão, tanto acerca da obra de Victor Meirelles (18/08/1832 – 22/02/1903) quanto das exposições temporárias de artistas contemporâneos que ficam expostas no andar térreo do museu.

A visita ao museu compreende um histórico da casa e alguns comentários acerca de sua arquitetura. Em seguida, a arte-educadora convida os visitantes a

estabelecerem contato com a arte contemporânea do artista que está sendo apresentado no espaço para exposições temporárias, recolhendo e suscitando questionamentos sobre o que estão vendo e sentindo, buscando fazer, do estranhamento que nasce da observação da arte de nosso tempo, um instrumento para a leitura das situações que a vida moderna provoca no homem. Após esse contato com o novo e a arquitetura da casa, a visita passa ao andar superior; lá estão expostas algumas obras que compõem o acervo de obras de Victor Meirelles. Novas explicações e dúvidas são trabalhadas num tom de encantamento dos visitantes pelo que estão vendo: afinal, tratasse de um dos maiores pintores acadêmicos do século XIX no Brasil.

Cada sala contempla um aspecto do trabalho de Victor, sendo que algumas obras são trocadas no decorrer do ano, enquanto outras permanecem nas salas por serem as mais representativas que o museu dispõe de uma determinada fase da obra do artista. Isso ocorre com as obras: *Vista do Desterro* (1847), *A Morta*, *Degolação de São João Batista* (1855) e os *Estudos da Batalha dos Guararapes*, todas peças a óleo. São obras que provocam a admiração do público diante de sua grande elaboração plástica.

Posteriormente à visita da casa, os visitantes são levados ao auditório no prédio ao lado do museu, para assistirem a um filme sobre a vida do artista e terem uma última conversa com a arte-educadora. Quando os visitantes são crianças, o trabalho é estendido com a confecção de desenhos pelos alunos sobre aquilo que viram, e resposta a um questionário. O professor ainda tem mais uma tarefa, a de responder um questionário avaliativo da visita, para dar suas opiniões a respeito de sua estada e auxiliar na melhoria dos serviços prestados pelo museu.

Hoje o museu dispõe de um catálogo de obras completo até 2003 e *CD-ROM* com visita virtual ao museu, materiais distribuídos gratuitamente às escolas públicas e vendidos aos estabelecimentos particulares e pessoas interessadas, além de dois vídeos sobre a vida e obra de Victor que o museu disponibiliza aos profissionais interessados. Outro projeto em andamento no museu é o de um *kit* sobre o acervo e o artista, composto

por transparências das obras de Victor, *CD-ROM*, fichas, cópias em dimensões de cartazes de algumas das obras do museu e vídeos, que fechados em uma grande pasta, são levados por professores aos colégios para um estudo prévio do museu, assim, durante a visita, os alunos podem aproveitar melhor tudo o que virem.

A visita de escolares ao museu é bastante expressiva, bem como no Museu Histórico de Santa Catarina, estes são o grande público das duas instituições. Observa-se um aumento no número de visitantes quando há a troca de exposição, em especial quando a exposição também do piso térreo é de obras de Victor. Esse mesmo movimento é observado no Museu Histórico de Santa Catarina. Entretanto, o número de visitantes aos museus ainda é muito pequeno diante do potencial que temos ali, de um lado as obras de Victor Meirelles para serem conhecidas, do outro a arquitetura eclética do século XIX num dos primeiros edifícios da capital de Santa Catarina e toda luta de poder contida em sua história.

Percebesse assim, a importância que o trabalho realizado por um guia qualificado exerce sobre a permanência e significação da visita aos museus. Essa é uma das premissas para o retorno do visitante e seus futuros acompanhantes ao espaço dos museus, formando, portanto, um público maior para os centros culturais. Pois, sempre esperamos que cada novo indivíduo que adentre a instituição retorne, trazendo consigo outras pessoas para interagir em naqueles espaços.

ⁱ Uma das primeiras telas pintadas por Victor Meirelles de Lima, exposta no museu do mesmo autor em Florianópolis/SC.

ⁱⁱ BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p.17-21.

ⁱⁱⁱ FERREIRA, Maria C. P. et al. *Educação Patrimonial/IPHAN*. Brasília, 06 a 08 de maio de 1997. 6p. (Reprodução).

^{iv} FERREIRA, Maria C. P. et al. *Educação Patrimonial/IPHAN*. Brasília, 06 a 08 de maio de 1997. p.3. (Reprodução).

^v O local era chamado de Palácio Rosado até 1986, quando em homenagem ao poeta simbolista João da Cruz e Sousa (24/11/1861 – 19/03/1898), ou simplesmente Cruz e Sousa, ou ainda, “Cisne Negro” - nascido no então Desterro, hoje Florianópolis – foi alterado para Palácio Cruz e Sousa.

^{vi} Guia de Turismo é o profissional que faz o *tour* com os visitantes a um local, enquanto Guia Turístico é o material impresso que é utilizado para divulgação e localização dos turistas em uma nova cidade.

^{vii} A arte-educadora é funcionária da Prefeitura Municipal de Florianópolis, e foi cedida ao museu desde a década de 1990 para desenvolver seu trabalho de arte-educadora.